

SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA DO PROFESSOR

Jacineide Santos Magalhães¹

RESUMO: Este artigo tem como finalidade apresentar uma revisão sobre alguns aspectos da saúde mental do professor relacionados à síndrome de burnout, sua incidência nos profissionais regentes de classe e a qualidade de vida dos mesmos. Objetiva levantar informações a respeito da Síndrome, assim como os fatores considerados de risco para seu desenvolvimento, sua associação com outros transtornos psiquiátricos e consequências para o indivíduo e a organização. O interesse por este estudo surgiu a partir da percepção da dificuldade dos profissionais da educação em diferenciar os sintomas da síndrome de burnout e outras patologias descritas no manual de saúde mental. Trata-se de uma revisão bibliográfica, que tem como foco identificar a relação trabalho, saúde mental e qualidade de vida

Palavras-chave: Professor. Saúde Mental. Síndrome de Burnout. Qualidade de vida.

ABSTRACT: This article aims to present a review of some aspects of the teacher's mental health related to burnout syndrome, its incidence in the class professional and their quality of life. It aims to raise information about the Syndrome, as well as the factors considered as risk for its development, its association with other psychiatric disorders and consequences for the individual and the organization. The interest in this study arose from the perception of the difficulty of the education professionals in differentiating the symptoms of the burnout syndrome and other pathologies described in the manual of mental health. This is a bibliographical review that focuses on identifying the relationship between work, mental health and quality of life

Key words: Teacher. Mental health. Burnout syndrome. Quality of life.

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho nasceu através de contatos com professores que sinalizaram sérios problemas sobre saúde mental em virtude de sua carreira docente, sendo que o compromisso social do professor está pautado principalmente nas relações humanas e na ética. O professor é um ser que pertence à sociedade, portanto influencia e é influenciado, construindo e sendo construído, incentiva e encoraja os alunos, contribui com novos pontos de vista o que o aluno não enxergou, estimulando novos saberes.

¹ Mestra em Ciência da Educação pela Universidad Interamericana. Graduada em Letras Vernáculas, Especialista em Psicopedagogia, Metodologia do Ensino Superior, Saúde Mental e Atenção Psicossocial e Gestalt-Terapia. Atualmente atua como docente no Ensino Fundamental II em Escola Pública da Rede Estadual de Ensino da Bahia. E-mail: jacimagal@hotmail.com

Este papel social do professor pode ser determinado pela sua saúde, portanto esse estudo alerta a sociedade da importância em conhecer a realidade profissional dos professores, saber que o desgaste mental representa um grave problema nos tempos atuais que compromete o papel social do professor.

Segundo Souza (2007, p.97), “Os psicólogos vêm ampliando e aperfeiçoando intervenções junto às escolas, com o intuito de problematizar e reverter funcionamentos institucionais produtores de fracasso escolar (...)”.

Pode-se questionar; por que o professor adoece? Quais os fatores produzidos pela escola que levam ao adoecimento do professor? Quais os fatores expressos pelos alunos que influenciam nesse processo de adoecimento? Qual a contribuição da psicologia neste contexto?

Percebe-se que “a saúde e a doença estão tão presentes no cotidiano dos seres humanos, que muitas vezes não nos damos conta de como se processa essa relação dinâmica entre uma e outra” (MARIANO; MUNIZ; 2006, p.5).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, saúde mental é um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade.

O ministério da saúde, a partir da portaria nº 1339 de 18 de novembro de 1999, instituiu a lista de doenças relacionadas ao trabalho, e incluiu a sensação de estar acabado (“Síndrome de *Burn-Out*”, “Síndrome do Esgotamento Profissional”), nos transtornos mentais e do comportamento relacionados com o trabalho, tendo como agentes etiológicos ou fatores de risco de natureza ocupacional o ritmo de trabalho penoso (CID10 Z56.3) e Outras dificuldades físicas e mentais relacionadas com o trabalho (CID10 Z56.6)

A síndrome de *burnout*, ou síndrome do esgotamento profissional, é um distúrbio psíquico descrito em 1974 por Freudenberger, um médico americano. O transtorno está registrado no Grupo V da CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) O termo *burnout* significa que o desgaste emocional danifica os aspectos físicos e emocionais da pessoa, pois, traduzindo do inglês, *burn* quer dizer queima e *out* exterior. Embora já se venha falando sobre o assunto há décadas, no Brasil as discussões em torno da síndrome tornaram-se mais fortes nos últimos anos.

Caracterizada por ser o ponto máximo do estresse profissional, pode ser encontrada em qualquer profissão, mas em especial nos trabalhos em que há impacto direto na vida de outras pessoas. Sua principal característica é o estado de tensão emocional e estresse crônico provocado por condições de trabalho físicas, emocionais e psicológicas desgastantes. A síndrome se manifesta especialmente em pessoas cuja profissão exige envolvimento interpessoal direto e intenso.

O sintoma típico da síndrome de *burnout* é a sensação de esgotamento físico e emocional que se reflete em atitudes negativas, como ausências no trabalho, agressividade, isolamento, mudanças bruscas de humor, irritabilidade, dificuldade de concentração, lapsos de memória, ansiedade, depressão, pessimismo, baixa autoestima. Dor de cabeça, enxaqueca, cansaço, sudorese, palpitação, pressão alta, dores musculares, insônia, crises de asma, distúrbios gastrintestinais são manifestações físicas que podem estar associadas à síndrome.

Essa soma de mal-estares pode levar ao alcoolismo, ao uso de drogas e até mesmo ao suicídio. No dia-a-dia, a pessoa fica ainda arredia, isolada, passa a ser irônica, cínica e a produtividade cai. Muitas vezes, o profissional acredita que a melhor opção seja tirar férias; entretanto, quando volta, descansado, retoma a postura anterior.

O diagnóstico leva em conta o levantamento da história do paciente e seu envolvimento e realização pessoal no trabalho, pode ser feito por exame clínico, com profissional da área de saúde (médico, psicólogo) que efetivamente conheça os sintomas da síndrome, e por meio de instrumentos psicológicos elaborados especificamente para fazer essa avaliação. O tratamento inclui o uso de antidepressivos e psicoterapia. Atividade física regular e exercícios de relaxamento também ajudam a controlar os sintomas.

A Qualidade de Vida (QV) é um assunto relevante no mundo moderno, por ser o produto da interação entre as expectativas e realizações de uma pessoa, podendo somente ser descrita e medida em termos individuais, portanto numa análise subjetiva.

Matos (1996) afirma que para falar de Qualidade de Vida, não se pode deixar de enfocar o campo da motivação humana, buscando com isso, identificar as necessidades para sua realização. Podemos avaliar a Qualidade de Vida, então, sob dois aspectos: objetivo e subjetivo. O aspecto objetivo é possível de ser aferido, através das condições de saúde física, remuneração, habitação, e também, por meio daqueles indicadores

observáveis e mensuráveis. Já a subjetividade da qualidade de vida busca os sentimentos humanos, as percepções qualitativas das experiências vividas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A formação do professor se dá antes mesmo de que este frequente os cursos de formação docente. Inicia-se em sua vida escolar e acontece ao longo de sua vida profissional. Do nascimento de um professor podemos pensar sobre uma construção de subjetividade, desde a tenra infância um gosto por aprender e principalmente em ensinar, ou provém de famílias em que a maioria tem uma carreira docente, ou por ter ótimas experiências na escolarização, ainda ser influenciado por uma visão da importância do papel social do professor.

Desse modo, a formação inicial é um processo intermediário, pois o futuro docente já traz consigo experiências, valores, crenças, adquiridos anteriormente, como filtros que moldam sua prática. Pimenta (1999), vem dizer que ao discutir da formação dos professores, faz ligação à questão da concepção da identidade profissional, certificando que essa identidade não é um dado invariável, mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado e que ela se constrói a partir da relevância social da profissão, da revisão constante dos conceitos sociais da profissão, da revisão das tradições e da confirmação de práticas elegidas culturalmente e que permanecem relevantes.

Mesmo, sem perceber conscientemente, cada professor vai, na sua trajetória, internalizando conceitos e atitudes, que mais tarde, revelar-se-ão em sua prática docente. Todas as aprendizagens que irão edificar seu ofício de professor serão o resultado das relações sociais, que desde a infância, na família, nas instituições educativas, ou, ainda, nos ambientes culturais, o constituirão (SANTOS; ANTUNES; BERNARDI; 2008).

A escola da rede pública contemporânea perpassa por momentos de mudanças devido às constantes transformações políticas, tecnológicas e econômicas decorrentes da globalização. O efeito dessa transformação reflete no desafio da escola em rever seus paradigmas, na medida em que ainda ocupa um lugar central e de preferência na vida das pessoas, é nela que são depositadas inúmeras expectativas em relação ao futuro, laços sociais para além da família e aprendizado, e também tornar democrática, ou seja, um ensino público para todos, sem exclusão, de modo que os alunos adquiram condições para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI; 2007).

O professor diante dessa realidade é quem tem manifestado maior sofrimento, uma vez que tais transformações exigem dele um reposicionamento na sua função, que ministram aulas para discípulos que não querem aprender, que cumpram funções da

família e de outras instâncias sociais; que resolvam problemas de violência, da droga e da indisciplina, que participe da gestão e do planejamento escolar, o que significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende a uma articulação das famílias, comunidade e a escola.

No Brasil, as jornadas de trabalho situam-se em torno de 40hs semanais, sendo raros os casos em que parte deste tempo (em geral 10% ou 20%) é dedicada ao trabalho extraclasse. Com isso muitas destas atividades inerentes ao ensino são realizadas no período extraclasse pelos docentes em casa em seu horário de descanso. A sobrecarga de horas extraordinárias e pouco remuneradas tem efeitos particularmente nocivos sobre as condições de trabalho e de saúde dos educadores, uma vez que torna mais acentuadas as condições já estressantes do trabalho realizado em condições satisfatórias normais. Essas demandas emocionais, no caso do docente, são inerentes a sua profissão, podendo ser agravadas, por exemplo, por políticas educacionais que aumentam a sobrecarga de trabalho, ou por condições inadequadas de trabalho, pela presença de alunos particularmente difíceis ou ainda pelo sentimento de injustiça, de não reconhecimento do seu esforço e da importância do seu papel na sociedade.

A partir destas situações o professor está susceptível a comportamentos, sentimentos e desejos negativos diante das condições apresentadas, favorecendo dessa forma o aparecimento de sintomas, muitas vezes não demonstradas, por medo, sentimento de incapacidade, insegurança e ao mesmo tempo tentativa de “estar bem” ou sentir-se autossuficiente para reverter o quadro sintomático.

É muito comum em professores, a síndrome de *burnout* diminuir a vontade de lecionar, o interesse pelo trabalho, a energia e a autoconfiança, muitas vezes são confundidas com a síndrome do pânico ou com estresse, pois os sintomas são parecidos. Ao longo do tempo o profissional apresenta quadros de irritação e se distancia dos alunos, o que muitas vezes interfere no processo de aprendizagem, os reflexos também são sentidos no relacionamento familiar. Quando não abandona o emprego, o portador de *burnout* passa a realizar as atividades de forma apática e sem perspectivas.

Outros sintomas psicossomáticos também podem ser observados como úlcera, insônia, hipertensão e dores de cabeça. É desejável que o profissional com *burnout* tenha acesso a atendimento especializado, tanto médico quanto psicológico. Além disso, a participação da direção da organização e dos colegas pode ajudar muito, tanto na prevenção quanto na recuperação.

O professor, atualmente, encontra um ambiente escolar repleto de desafios e assume responsabilidades advindas de todo contexto social. Por um lado, a demanda de conhecimentos necessários ao exercício da profissão e a exigência pedagógica que impõe um conjunto de saberes a serem construídos pelos alunos. Por outro lado, os alunos que, na maioria das vezes, estão poucos interessados no que o educador tem a lhes oferecer e exigem propostas pedagógicas contextualizadas com as suas diferentes realidades (SANTOS; ANTUNES; BERNARDI; 2008, p. 102).

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001) define que a saúde é um estado de complexo bem-estar físico, mental e social: não se trata, portanto da simples ausência de doença. Os conceitos de Saúde Mental envolvem o bem-estar subjetivo, a auto eficácia, a autonomia, a competência, a dependência operacional e a auto realização do potencial e emocional do indivíduo na vida particular e no trabalho (OMS, 2001).

A saúde mental depende de atitudes positivas em relação a si mesmo e ao outro especialmente no ambiente escolar, pois possibilita qualidade de vida e não torna o professor susceptível a transtornos mentais.

A sociedade na qual vivemos possui condições reais de ambiente que afetam a qualidade de vida dos trabalhadores podendo vir a contribuir e fazer com que o trabalho seja gerador de sofrimento e não de prazer (FERREIRA, 2011, p. 29).

A categoria docente enfrenta transformações da sociedade que interfere no seu trabalho, mudanças na sua relação com alunos, um ambiente escolar desafiador com baixos salários, desprestígio e desvalorização da profissão, exigência no compromisso com a transmissão de conhecimento na sua profissão em preparar novos cidadãos, diante dessa realidade escolar o professor está propenso a gerar estresse devido às exigências profissionais no ambiente escolar e fora dele, levando uma sobrecarga de trabalho para casa.

“O estresse pode apresentar tanto aspectos positivos quanto negativos [...]” (BENEVIDES-PEREIRA apud REIS et al. 2008, p. 20). O estresse é o responsável pelo exagerado número de professores que se afastam da sala de aula, por falta de tempo para planejamento e excesso em sala de aula, momentos de lazer, pela falta de valorização profissional, pela ausência de apoio da família, e até mesmo dos alunos.

Os surtos psicóticos e a formação das neuroses dependem da estrutura da personalidade que a pessoa desenvolve desde o início da sua vida, chegando a certa configuração relativamente estável, após o período de ebulição da adolescência (DEJOURS, apud HELOANI; CAPITÃO; 2003, p. 01).

Os processos de saúde-doença dos trabalhadores são compreendidos de distintas formas e tal variabilidade relaciona-se aos diferentes enfoques e perspectivas teóricas

adotadas na área de Saúde e Trabalho. De modo geral, podemos afirmar que tais processos são compreendidos ora a partir da ênfase nos aspectos biológicos, ora nos aspectos psicológicos, ora nos aspectos psicossociais, ora nos aspectos sócioinstitucionais.

Dejours (1992) vem dizer que o processo de adoecimento dos trabalhadores está intimamente ligado ao sofrimento no trabalho, que por sua vez, está relacionado com a organização do trabalho e conteúdo da tarefa: [...] “quanto mais a organização do trabalho é rígida, mais a divisão do trabalho é acentuada, menor é o conteúdo significativo do trabalho e menores são as possibilidades de mudá-lo. Correlativamente, o sofrimento aumenta” (DEJOURS, 1992, p. 52). O ato de ensinar possui características particulares que gera o estresse e alterações do comportamento dos que nele trabalham. Os professores estão sempre sujeitos a uma deterioração progressiva da sua saúde mental.

De forma individual, as causas e os efeitos do estresse e da síndrome de *burnout* em docentes aparecem através de baixo autoconceito, mudança de hábitos, pouco entusiasmo, falta de criatividade no trabalho, dificuldades de concentração, irritabilidade, faltam de controle na sala de aula, insatisfação profissional e consequências emocionais excessivas a acontecimentos do dia-a-dia. Estudos como de Chan, mostram que:

Cerca de um terço dos docentes avaliados, apresentavam sinais de stress e de *burnout* entre os principais problemas de saúde. O mesmo estudo indica que a frustração, a ansiedade, a irritabilidade, a exaustão emocional e os sintomas depressivos graves eram alguns dos problemas encontrados ao nível da saúde dos professores (Chan, apud Gouveia, 2010, p.19). “O *burnout* é a resposta a um estado prolongado de estresse, ocorre pela cronificação deste, quando os métodos de enfrentamento falharam ou foram insuficientes” (BENEVIDES-PEREIRA apud Reis et.al. 2008 p. 20).

Sendo assim podemos dizer que a Síndrome de *burnout* é caracterizada por um tipo de estresse ocupacional, ou seja, a pessoa consome-se fisicamente e emocionalmente, resultando em exaustão e em um comportamento agressivo e irritadiço.

O sofrimento psíquico dos professores pode se tornar um caso de saúde pública, devido ao grande abandono da profissão que ocorre no âmbito escolar, espera-se que esse trabalho promova um pensamento crítico ao leitor de forma que se mobilize em prol dos docentes, para que cada vez mais possamos dobrar a atenção à saúde do professor que tem uma importante missão de ensinar.

Dentre os vários conceitos atribuídos à Qualidade de Vida, está apresentada uma acepção mais ampla, segundo Moreira (2007), quando influenciada por estudos sociológicos, sem fazer referência a disfunções ou agravos à saúde. A Qualidade de Vida poder ser definida como a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.

A Carta de Ottawa - um dos documentos mais importantes que se produziram no cenário mundial sobre o tema da saúde e qualidade de vida - afirma que são recursos indispensáveis para se ter saúde: paz, renda, habitação, educação, alimentação adequada, ambiente saudável, recursos sustentáveis, equidade. A Qualidade de Vida dos professores não foge completamente ao que se disse até o momento, entretanto, existem outros comentários a serem realizados quando o interesse é a Qualidade de Vida no trabalho, ou seja, no exercício da profissão docente.

Existem fatores que ocasionam a degradação da qualidade de vida do indivíduo, os quais quando não sanados no próprio ambiente de trabalho, como o desrespeito profissional, a falta de condições ambientais, a falta de recursos didáticos, ou a nível individual, como a desmotivação financeira, a impossibilidade de capacitação, acarretam sintomas psicológicos, psiquiátricos e até doenças psicossomáticas ou cardiovasculares, como por exemplo, a depressão ou o estresse, os quais levam à diminuição da produtividade do profissional e consequentemente a qualidade do ensino ministrado por ele.

O trabalho tem um papel fundamental na inserção dos indivíduos no mundo. Contribui para a formação de sua identidade – a construção da subjetividade – e permite que os indivíduos participem da vida social, elementos essenciais para a saúde. Entretanto, na forma como ele está organizado e é executado por um grande contingente de trabalhadores, na sociedade atual, preponderam seus efeitos negativos, entre eles o adoecimento e a morte. Para a saúde do trabalhador, a explicação do adoecer e morrer dos trabalhadores extrapola os fatores presentes nos ambientes de trabalho e incorpora o significado cultural, político e econômico que a sociedade lhes atribui.

Os fenômenos biológicos são observados na sua dimensão social, e o corpo do trabalhador não mais é visto como um agregado de células, que formam órgãos e sistemas, mas é considerado em suas relações com a natureza, na sua capacidade de criar-se e recriar-se por meio do trabalho (CODO, 1999).

A atuação do psicólogo na escola tem um caráter essencialmente social, articulando a outros fazeres da instituição (dos especialistas, dos professores, da administração, da família etc.) e do contexto extraescolar (pesquisadores, políticos, profissionais de diferentes áreas) (WECHSLER, 2008 p.150).

Assim o psicólogo previne o fracasso escolar olhando a escola como um espaço que forma cidadãos, no entanto deve ser aberta à comunidade com atividades de oficinas, lazer e cultura e também auxilia os professores a montarem estratégias de defesas para lutarem pela permanência no trabalho buscando formas de motivação para vivenciar o prazer no trabalho, sentindo-se valorizados na profissão, com sentimento de utilidade, pode promover mudanças no comportamento dos alunos.

Portanto o Psicólogo escolar segundo Cassins et al. (2007) tem conhecimento necessário para trabalhar a pessoa do professor e sua relação com o outro. Segundo Perrenoud (2002), o principal instrumento de trabalho é a sua pessoa, a relação que construída com os alunos, seja individual ou no coletivo, nunca deve esquecer a pessoa do professor, mesmo que a formação esteja centrada nos saberes e na didática, promoverá um reconhecimento da importância do papel de professor.

“O professor, portanto, deve ser capacitado a cuidar de si e agir em grupo na defesa da promoção de qualidade de vida, devendo perceber a escola como espaço de humanização e promoção de saúde” (ROCHA; FERNANDES; 2008, p.24).

Sendo assim apresentamos algumas formas de atuação do profissional psicólogo de modo que cada vez mais às escolas sejam locais onde se garanta oportunidade de crescimento a todos. E colabora para que menos professores se sintam fracassados com o sistema educacional. Este estudo procurou compreender a relação dinâmica entre o adoecimento do professor em decorrência de sua profissão, a saúde dos mesmos, bem como o avanço da síndrome de *burnout* em seu ambiente de trabalho. O estresse, e a síndrome de burnout se destacaram como as principais doenças que afetam o professor. A Educação é apontada pelas pesquisas de opinião em todo o Brasil como um dos três principais problemas do país, ao lado da segurança pública e da saúde.

Mesmo diante de poucas referências teóricas encontradas acerca da atuação do psicólogo escolar trabalhando com a saúde mental do professor é importante ressaltar que no ambiente escolar hoje, a participação do psicólogo junto ao corpo docente tem sua relevância. Sendo que o trabalho do psicólogo é desenvolver pensamentos de novas alternativas e soluções, para os conflitos que o professor poderá ter em seu trabalho

educacional, pois a melhoria da educação brasileira depende da melhoria da qualidade do trabalho do professor.

“O psicólogo escolar desenvolve, apoia e promove a utilização de instrumental adequado para o melhor aproveitamento acadêmico do aluno a fim de que este se torne um cidadão que contribua produtivamente para a sociedade” (CASSINS et al. 2007, p.17).

A angústia dos professores deverá, assim como a de um analisando, ser atravessada por meio do resgate de sua palavra e não eliminada, como se pode, equivocadamente, pensar. "Consideramos que a angústia na escola deve ser abordada sob esta mesma perspectiva. Isto é, não há nada que possa curar a angústia do professor, mas pode-se buscar atravessá-la e, nesta travessia, é interessante que ele possua algum suporte" (Prioste, 2006 p.150). Neste caso, pensa-se que um dos principais suportes à saúde mental do professor poderia acontecer no percurso de formação, na medida em que esta acolha a criação ou a abertura de um espaço onde o docente possa, de maneira efetiva, endereçar sua palavra a um Outro, ser escutado e se escutar em relação a seus medos, inseguranças e dúvidas que comparecem na prática pedagógica e, ainda, interrogar-se sobre sua escolha profissional e nela implicar-se como sujeito de desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou compreender a relação dinâmica entre o adoecimento do professor em decorrência de sua profissão, a saúde dos mesmos, bem como o avanço da síndrome de *burnout* em seu ambiente de trabalho. O estresse, e a síndrome de *burnout* se destacaram como as principais doenças que afetam o professor.

A Educação é apontada pelas pesquisas de opinião em todo o Brasil como um dos três principais problemas do país, ao lado da segurança pública e da saúde.

Mesmo diante de poucas referências teóricas encontradas acerca da atuação do psicólogo escolar trabalhando com a saúde mental do professor é importante ressaltar que no ambiente escolar hoje, a participação do psicólogo junto ao corpo docente tem sua relevância. Sendo que o trabalho do psicólogo é desenvolver pensamentos de novas alternativas e soluções, para os conflitos que o professor poderá ter em seu trabalho educacional, pois a melhoria da educação brasileira depende da melhoria da qualidade do trabalho do professor.

“O psicólogo escolar desenvolve, apoia e promove a utilização de instrumental adequado para o melhor aproveitamento acadêmico do aluno a fim de que este se torne um cidadão que contribua produtivamente para a sociedade” (CASSINS et al. 2007, p.17).

A angústia dos professores deverá, assim como a de um analisando, ser atravessada por meio do resgate de sua palavra e não eliminada, como se pode, equivocadamente, pensar. "Consideramos que a angústia na escola deve ser abordada sob esta mesma perspectiva. Isto é, não há nada que possa curar a angústia do professor, mas pode-se buscar atravessá-la e, nesta travessia, é interessante que ele possua algum suporte" (Prioste, 2006 p.150). Neste caso, pensa-se que um dos principais suportes à saúde mental do professor poderia acontecer no percurso de formação, na medida em que esta acolha a criação ou a abertura de um espaço onde o docente possa, de maneira efetiva, endereçar sua palavra a outro, ser escutado e se escutar em relação a seus medos, inseguranças e dúvidas que comparecem na prática pedagógica e, ainda, interrogar-se sobre sua escolha profissional e nela implicar-se como sujeito de desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. F. C. (1999). O psicólogo no cotidiano da escola: ressignificando a atuação profissional. Em R. S. L. Guzzo (Org.). *Psicologia escolar: LDB e educação hoje* (pp. 77-90). Campinas: Editora Alínea. Acesso em: 25/08/2015

ARAÚJO, T. M.; SENA, I. P., VIENA, M. A.; ARAÚJO, E. M. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 2005.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de burnout e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, 2002.

CASSINS, Ana Maria; JÚNIOR, Eugenio Pereira de Paula; VOLOSCHEN, Fabíola Deconto; CONTI, Josie; HARO, Maria Elizabeth Nickel; ESCOBAR, Miriã; BARBIERI, Vanessa; SCHMIDT, Vanessa. *Manual de psicologia escolar/educacional*. Curitiba: Unificado, 2007. 17p.

ROCHA, Vera M. ; FERNANDES, Marcos H. (2008) - Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Vol. 57, nº 1, p. 24.

SOUZA, Beatriz de Paula. *Orientação à queixa escolar*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. 97p.

WECHSLER, Solange Múglia. *Psicologia escolar pesquisa, formação e prática*. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008. 150p.

https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=LI1Rk9uFS_cC&oi=fnd&pg=PA11&dq=saude+mental+no+brasil&ots=HX7Y9YGSKI&sig=ltoTQgg1NVZWWwfHX0Nx1wvGq3U#v=onepage&q=saude%20mental%20no%20brasil&f=false
>Acesso em 13/09/2015

http://www.excelenciaemgestao.org/portals/2/documents/cneg4/anais/t7_0049_0018https://psicologado.com/psicopatologia/saude-mental/a-saude-mental-doprofessorde-ensino-fundamental-da-rede-publica >Acesso em 13/09/2015